

**LUTO POR MORTES REPENTINAS, NO CONTEXTO DA COVID-19**

**BÁRBARA C. DE PAULA  
VITÓRIA CRISTINA DE S. DALBELLO**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

### Resumo

Diante da situação levantada pelo covid-19 as mortes começaram a ser cada dia mais recorrentes, dado que a morte é tida como a única certeza que a humanidade possui. E que diante da vivência da pandemia do covid-19 as mortes começam a ser cada dia mais recorrentes e em um curto espaço de tempo. Neste aspecto exposto o estudo em questão teve como objetivo sistematizar estudos e conhecimentos buscando apresentar diferentes teorias dos mesmos sobre o processo do luto diante de mortes repentinas e não esperadas em casos relacionados ao COVID-19. Utilizando como método uma revisão bibliográfica sistemática, os autores buscaram compreender por meio de outras pesquisas, como atualmente tem se abordado tal assunto a fim de demonstrar quais as diferenças entre os processos de elaboração do luto e como as pessoas lidaram com inúmeras mortes repentinas, verificando fatores protetivos como apoio familiar e social, ou fatores de risco, como a incapacidade de lidar tanto com a morte quanto com a vivência do luto. Portanto foi possível concluir ao levar em consideração o curto espaço de tempo para a quantidade mudanças vivenciadas nesse um ano de período pandêmico, indo de encontro com as mortes repentinas e abruptas ficou evidenciado que as pessoas têm encontrado maiores dificuldades de lidar com essas mortes, visto que se elenca mais fatores de risco do que fatores protetivos para esse manejo.

**Palavras- Chave:** Covid-9, Morte, Repentinias, Processo de Luto, Fatore de risco.

### Introdução

No ano de 2019 iniciava na China rumores de uma doença altamente infecciosa e transmissível, um vírus novo e que estaria afetando diretamente o sistema respiratório de muitos indivíduos, e em uma massa de casos levando a morte em poucos dias, até então não existiam estudos relevantes acerca dele, e a realidade era incerta (Gruber, 2020), iniciava-se aí os primeiros aspectos do COVID -19 (Sars-CoV-2), até que no dia 11 de março de 2020 foi decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) estado de pandemia mundial.

Diante da situação levantada pelo covid-19 as mortes começaram a ser cada dia mais recorrentes, a morte é tida como a única certeza que a humanidade tem, segundo Erthal (2004) a morte é algo inevitável, intransponível e uma presença constante mesmo antes de sua chegada, contudo, mesmo sendo parte do desenvolvimento humano e ligada ao biológico, falar sobre ainda é tido como um “*tabu*” onde evita-se o assunto de forma contundente, como se o simples fato de pensar ou falar na morte pudesse atraí-la. A morte confronta a sensação de infinitude do homem, e mostra de forma contundente a finitude, ou seja, o ponto final de um ideal, o que faz o homem ir ao encontro com os sentimentos de incapacidade, impotência e perda (Heidegger 2012, p. 313) e consigo além de questões individuais de casa ser a morte traz os processos de vivência e elaboração do luto.

Neste aspecto o exposto este estudo teve como objetivo sistematizar estudos e conhecimentos buscando apresentar diferentes teorias dos mesmos sobre o processo do luto diante de mortes repentinas e não esperadas em casos relacionados ao COVID-19. Através de uma revisão bibliográfica sistemática, os autores buscaram compreender por meio de outras pesquisas, como atualmente tem se abordado tal assunto a fim de demonstrar quais as diferenças entre os processos de elaboração do luto e como as pessoas lidaram com inúmeras mortes repentinas, verificando fatores protetivos e, fatores de risco.

### A morte e seu contexto histórico

O homem em todo o contexto histórico busca respostas para morte, a fim de questionar e explicar questões como: a origem e o destino do homem. Segundo Kovács (1992) vinculamos vida e morte em todo o processo de desenvolvimento humano. Diante disso, para melhor compreender a concepção da morte para o homem buscaremos perpassar por diferentes períodos históricos.

No período medieval segundo Ariés (1977) definiu, a morte era tida como domada, visto que se tinha a concepção de que o homem sabia quando iria morrer, por meio de certos avisos,

signos naturais e até mesmo por convicção interna, porém, geralmente morriam na guerra ou de doenças.

Já de acordo com o autor Caputo (2008) durante a Idade Média ocorreram mudanças relacionadas à morte e ao morrer e podem ser divididas em dois momentos: durante a primeira Idade Média e durante a segunda Idade Média. No que tange a primeira Idade Média ou alta idade média correspondente ao século V até o XII, a morte era vivenciada no seio familiar, rodeada de parentes e amigos próximos, tais características colaboraram para que se mantivesse certa intimidade entre o morrer e o cotidiano da sociedade, de tal modo que os levava a encarar a morte como sendo parte natural da vida; e dentre os rituais comuns estava o despedir-se e até mesmo reconciliar-se com a familiares e amigos.

Na segunda Idade Média ou baixa Idade Média entre o século XII a XV, altera-se a representação da morte no ocidente, passando da certeza para incerteza, visto que o processo de “salvação” passa a ser intermediado pela Igreja, o que modificou diretamente na relação das pessoas com a morte, na qual deixa de ser considerada algo natural e passa a ser uma provação ou forma de castigo. (Caputo, 2008, pg. 76).

Aries (1990) enfatiza também que dentro dos aspectos importantes da antiguidade, estava a percepção da morte de forma mais romantizada. Representada pela tendência filosófica do romantismo, por meio das poesias e da música, contribuindo para liberar o imaginário, a fantasia e a emoção. Mas é a partir do século XIX com os avanços tecnológicos, com a industrialização e o desenvolvimento técnico-científico da Medicina, corroboram para ruptura entre a morte e a religião, pois, a ideia de que a morte era uma punição, é desmascarada quando a ciência revela as causas da morte pelas doenças. Tais acontecimentos segundo Martins & Lima (2014) contribuíram para uma mudança do tido como local de morte, o que ocorria outrora dentro das casas passa a ocorrer dentro das instituições como os hospitais, modelo este que é perpetuado até os dias atuais.

No entanto é na segunda metade do século XX que se instaura o modelo “moderno” de morrer, definido por Áries (2012), como sendo a institucionalização e rotinização, pois é quando os cuidados aos doentes, passaram a ser através das instituições e pelo saber e olhar biomédico; visando o prolongamento da vida, fazendo com que a sociedade e todos os aspectos inerentes a expressão da dor pela morte de um indivíduo significativo, passe a ser reprimida e até mesmo escondida.

Contudo o significado de morte variou nas diferentes culturas, civilizações, religiões, credos e principalmente no tipo de morte. Pois é a partir daí que serão atribuídas características e valores sobre o conceito da finitude humana, refletindo diretamente nos rituais da morte e do

morrer, que se torna relativo devido às diversidades e características de cada povo, como também pelos aspectos particulares de cada indivíduo. (Basso & Wainer, 2011, pp. 36).

### **Luto**

O Luto tem como característica forte e relevante a influência das questões culturais certo de que em cada sociedade ele é vivenciado e abordado de uma maneira. Há também a questão da personalidade, desenvolvimento e vulnerabilidades de cada indivíduo que o vivência, pois, sabe-se que cada pessoa lida com a perda de uma forma.

Diante de tais questões depara-se com inúmeras definições como também formas de abordá-lo, Bromberg, (2000) em seu estudo acerca das psicoterapias em situações de luto e perda traz que diante de uma família ou indivíduos enlutados é necessário uma visão holística e que vá além do psiquismo, onde levanta-se a necessidade de olhar pra esses indivíduos de um aspecto multifatorial, ou seja, que se torna meio de estudo para inúmeras áreas, dentre ela Medicina, Enfermagem, Psicologia entre outras, ressaltando o aspecto do ser bio, psico, sócio, espiritual.

De acordo com Stroebe; Hansson; Stroebe, (1993, cap. I, pp.5 a 7) escrever um ensaio sobre o curso normal do luto é mais difícil do que aparenta ser, pois, o luto é um fenômeno natural que ocorre após a perda de um ente ou pessoa querida, com isso os autores questionam a questão: se o luto é normal, o que seria o luto "normal"? O luto é um processo tão individualizado que varia de pessoa para pessoa e momento a momento e abrange simultaneamente tantas facetas do ser do enlutado que tentar limitar seu escopo ou demarcar seus limites e o definindo arbitrariamente pode se tornar algo complexo ou até mesmo errôneo. Com isso em mente, as definições e estudos sobre o luto apontam para uma linha de vulnerabilidade e de relatividade e são descritos das muitas e variadas maneiras.

O luto não é só um estado de intensa dor emocional, mas, também, um processo que pode ser associado a uma vasta gama de perturbações psicológicas e somáticas.

Bowlby (1980, citado por Ramos, 2016) traz em sua teoria um profundo estudo sobre apego e sobre a perda relacionado a esse apego, o luto neste contexto vem do pressuposto que todo ser humano tem uma necessidade básica de se vincular a outro e manter essa ligação da forma mais próxima possível, essa ligação originalmente e instintivamente se dá pelo laço afetivo e ou significativo, como por exemplo: do bebê com a mãe, porém ao longo da vida esse laço pode ser multiplicado e ou transferido para outro ou outros indivíduos. Desta maneira romper esse laço pode significar uma perda de segurança potencialmente relevante para o

indivíduo. Sendo assim o luto se caracteriza pela perda não só dos laços significativos primários, mas também a perda dos laços que se adquirem no decorrer da vida.

Em seu estudo sobre o processo de luto Ramos (2016) cita alguns renomados autores do tema como Moore & Fine e Hagman , e diante das correlações que ela aponta em seu estudo explana o luto como um processo mental que pode proporcionar ao indivíduo um encontro de equilíbrio diferente após a perda de uma pessoa de extrema importância ou significado e diante de todo esse processo a resposta emocional mais comum é a dor, que pode caminhar de mãos dadas com o desinteresse pelas coisas que estão presentes no contexto do indivíduo enlutado e também a perda de interesse no estabelecimento de novos relacionamentos sejam eles familiares ou interpessoais.

Após algumas pesquisas Bromberg (2000) aponta o luto como um conglomerado de respostas físicas e emocionais diante de uma perda com um significado relevante para a pessoa, reforça também que este processo não tem nenhuma padronização, ou seja, cada indivíduo o vivência de uma maneira diferente de modo a lembrar que não existem reações e respostas idênticas de indivíduo para indivíduo.

Worden (1932) explana o processo de luto normal, e o divide em categorias, sendo elas: Sentimentos:

Tristeza - o sentimento mais presente em indivíduos enlutados, raiva - reação muito comum após a perda.

Culpa - o indivíduo enlutado entra em um processo de autoflagelação onde se condena por coisas pequenas e que não dependiam exclusivamente dele.

Ansiedade - em alguns casos pode se tornar abrupta e causar grandes problemas ao enlutado como também pode se demonstrar em menor escala manifestando-se em uma insegurança por exemplo.

Solidão - é um sentimento comum em um indivíduo enlutado onde o mesmo experiência o “vazio” absoluto causado pela falta do outro.

Fadiga - também pode ser descrita como um desinteresse pela vida, o ser enlutado pode apresentar fadiga nas mínimas tarefas do dia a dia.

Desamparo - eis aqui o fator que torna a perda algo tão traumático para tantas pessoas, é um dos sentimentos mais comuns relacionados a perda, o sentir-se abandonado por quem partiu.

Choque - o estado de choque é mais comum em mortes repentinas onde não se esperava por tal acontecimento, o enlutado pode se apresentar até mesmo atônito ou incrédulo a cerca dessa perda.

Saudade - simples e objetivamente é a falta de quem se foi.

Libertação - em alguns casos se manifesta de forma positiva diante da perda como alguém que se liberta de seu opressor através da morte do mesmo.

Alívio - tende a acontecer principalmente em perdas de pessoas significantes que estavam passando por doenças ou outros fatores irreversíveis onde gerava muito sofrimento, os enlutados por sua vez se veem aliviados por não ter que presenciar a dor desse ente mais.

Estarrecimento - pode acontecer de alguns indivíduos colocarem seus sentimentos em uma certa suspensão e não acessá-los diante da dor da perda.

Sensações físicas: sensação de estômago vazio, opressão ou aperto no peito, sensação de nó na garganta, grande sensibilidade ao barulho, possível perda de identificação de sua personalidade, respiração curta (falta de ar), atonia muscular, escassez de energia e sensação de boca seca;

Cognições: descrença - O indivíduo demonstra não acreditar em sua perda, confusão - comumente os enlutados expressam uma certa confusão em seus processos de pensamentos como se houvesse uma desordem.

Preocupação - podem ocorrer de modo a levar o indivíduo enlutado a buscar formas de resgatar seu ente ou até mesmo gerar pensamentos obsessivos acerca dele.

Sensação de presença - proveniente da experiência da saudade o enlutado tende a acreditar diante de suas demandas emocionais que quem se foi está ali por perto.

Alucinações - alguns casos os enlutados podem apresentar casos de alucinações tanto visuais como auditivas.

Comportamentos: Existem alguns comportamentos que se tornaram mais comuns nos indivíduos enlutados como- desregulação do sono, desordem do apetite, distanciamento de seus pensamentos, auto exclusão social, sonhos com o indivíduo que morreu, evadir de quaisquer lembranças ligadas ao falecido, buscar e chamar pela pessoa que se foi, lamentações e gemidos, agitação e excesso de atividades, fragilidade em suas emoções que levam ao choro com maior facilidade, visitar lugares e carregar objetos que lembrem o falecido.

Cada uma dessas decorrências citadas podem acontecer no mesmo período, como também podem ocorrer em períodos diferentes e também não ocorrer em alguns indivíduos ou variar sua potência de acordo com cada um, é possível distinguir que a denominação ou definição das fases do luto pode se modificar de acordo com o indivíduo que a vivência e com o autor que o estuda e relata, para complementação dessa explanação, apresenta-se de maneira breve a proposta de Bromberg (2000) trazendo como as fases do luto a seguinte sequência: Entorpecimento, Anseio, Desespero e recuperação; dentro destes aspectos que são apresentados

como possíveis etapas o entorpecimento se caracteriza por um momento de suspensão da realidade, onde o indivíduo experencia uma variação entre os sentimentos de raiva e tristeza e pode durar até uma semana, já o anseio, se caracteriza por um momento em que o indivíduo experimenta agitação física e emocional e tende a procurar a pessoa que se foi, o desespero se caracteriza por um momento em que o indivíduo começa a entrar em contato com a absoluta realidade e pode ser acompanhada de apatia, depressão e perda do sentido da vida; e pôr fim a recuperação que se caracteriza por um momento em que o indivíduo inicia o processo de compreensão e aceitação das mudanças ocorridas com a perda e começa a ter uma perspectiva mais aceitável das dores, e vivenciando até mesmo sentimentos opostos aos antes relatados, ou seja, sentimentos positivos.

Segundo Kubler-Ross (1992, cap. III a VIII), em seu livro: *A Morte e o Morrer*, onde relata os estudos com pacientes com câncer e elabora alguns estágios do luto:

1) Negação e isolamento - de acordo com a autora essa negação é uma fase de defesa temporária, podendo logo ser substituída pela aceitação parcial, porém essa fase sofre alteração de acordo com casos e vivências de cada paciente (Cap. III, pp. 51- 62).

2) Raiva- considerada o segundo estágio, na qual o indivíduo substitui a negação por sentimentos de raiva, tais como: revolta, inveja e ressentimento. Segundo Kubler-Ross é tido como mais difícil, pois o indivíduo projeta essa raiva em todos os ambientes (cap. IV, pp.63-93);

3) Barganha- terceiro estágio, considerado menos conhecido e de curta duração, tem sua utilidade voltada ao modo como o paciente tenta adiar a realidade vivenciada (cap. V, p. 95);

4) Depressão- definido como quarto estágio - nessa fase o paciente não consegue mais negar sua doença, em que os sentimentos de raiva, revolta, alheamento ao diagnóstico dão lugar ao a um sentimento de grande perda, que pode ser expressa de várias maneira, como por exemplo: perda da imagem (cap VI, p. 96)

5) Aceitação- quinto e último, em que os pacientes que tiveram tempo e passaram todas as fases anteriores, o mesmo atinge este estágio sem sentir raiva ou depressão, aceitando o seu destino (cap VII, p. 125).

A autora relata que durante todos esses estágios, resta a esperança, que aparece com intensidade crescente à medida que o luto é trabalhado, vale salientar que o processo de elaboração que Kubler-Ross apresenta está ligado a vivência do luto do próprio indivíduo.

Kovács (2005) descreve que a forma com que a morte acontece pode modificar diretamente a forma do enlutado de elaborar o luto, dentre essas formas diferentes do morrer elenca-se as mais graves diante da elaboração do luto que são suicídios e acidentes, elas



carregam consigo essa intitulação de mais graves pois tem características mais brutais e destruidoras o que pode causar no indivíduo que fica um processo doloroso de culpa a cerca dessa morte. Em contrapartida existem as mortes que se apresentam com um “*aviso prévio*”, porém demoram a chegar causando muito desgaste e abalo emocional a todos os envolvidos, pois vive-se à espera da perda o que interfere diretamente nas rotinas e relações.

Segundo Freud, (1917, pp. 29 a 37), no seu livro “Luto e Melancolia”, se perde um objeto significativo, a energia libidinal da pessoa é dominada por pensamentos e memórias acerca do objeto perdido. O sobrevivente não consegue desenvolver novos relacionamentos até que este laço se quebre, permitindo que a energia libidinal seja transferida para um novo objeto. Esta transferência da libido é motivada por um impulso para reduzir a ativação emocional e fisiológica associada à perda.

Outro fator que pode trazer uma diferenciação ou modificação no processo de elaboração do luto está diretamente ligado às relações e ao passado, pois o tipo de relação e o quão saudável a mesma era também interferem neste processo. O processo do luto é norteado por inúmeros fatores que se apresentam como um contraponto a elaboração saudável dele, como perdas subsequentes (perda de várias pessoas do mesmo círculo ou família), as mortes que ferem o conceituado processo “natural” da vida e da finitude dela onde filhos não morrem primeiro que pais como também netos não morrem antes de avós, apresentação de estrutura física com lacerações ou extirpação, casos de perdas onde o corpo não é encontrado e cenas que trazem impetuosidade e violência em seu contexto.

Há inúmeros outros autores que denominam o luto como um processo vivido de formas diferentes, cada qual dentro de sua teoria, estudo e modo de visualização do fenômeno da perda.

### **Luto por mortes repentinas**

A morte como já citado é um processo natural do ciclo de vida, e o luto um processo inseparável desse fenômeno natural. Kovács (1992) traz uma importante contribuição ao abordar a questão da compreensão da própria morte, não só a compreensão como a aceitação dela; certo de que a grande maioria dos indivíduos tendem a se achar de certa maneira imortais e possuidores da eternidade.

O fato é que a morte como um processo natural traz consigo uma relevante questão que pode diferenciar um luto de um luto, este relevante acontecimento pode estar nas perdas abruptas e repentinas, como citado acima o indivíduo tem a própria vida como infinita e projeta essa infinitude em terceiros principalmente próximos, ainda de acordo com Kovács (1992), a morte do ente ou indivíduo que sustenta o elo de afetividade é vivenciada pelo indivíduo que

perde como se uma parte de si morresse, neste aspecto se a morte acontece de forma repentina há uma possível potencialização de vivências como desorganização, paralisação e impotência. A morte repentina tem como características predominantes o despreparo e a ruptura brusca de ligações, e elas podem se mostrar relevantemente potencializadas pelo sentimento de impotência e falta de preparo acerca da perda.

Segundo Carnáuba, Pelizzari & Cunha (2016), relatando a cerca de uma pesquisa de Harvard, os indivíduos enlutados que não imaginavam e não estavam de certa maneira preparados para a morte de quaisquer sustentador do laço afetivo primário, eram nitidamente mais transtornados e confusos no que diz respeito ao ponto de vista emocional, e essa confusão e desordem tendiam a persistir no primeiro ano de enlutamento. Na mesma pesquisa, também foi evidenciado que um tipo pontual de luto é obtido quando há situações de mortes inesperadas, na qual as autoras relacionam com a teoria de Parkes (1998) em que o autor diz que dentre as especificidades, em que a inércia e a incredulidade se manifestaram de forma mais relevante e tem uma manifestação mais duradoura nos enlutados, alguns se enxergavam solitários, mais ansiosos, abruptamente mais deprimidos e sentiam continuamente a presença do morto; para o autor as mortes repentinas e não esperadas fazem com que os indivíduos enlutados se mostrem sempre envolvidos com lembranças do morto, e, conforme os critérios do Distúrbio do Estresse Pós-Traumático (PTSD), essas lembranças tornam-se ainda mais angustiados se a morte foi de um tipo doloroso ou violento e até mesmo presenciada pelo enlutado.

O autor sustenta ainda que a junção de morte repentina, inesperada, violenta e anterior ao previsto, com todos os sentimentos, emoções e reações que a seguem, tendem a aproximar a família ou aos portadores do laço afetivo maior com o indivíduo que se foi ao estresse extremo e a não contribuir com a rede de apoio necessária no pós morte, podendo assim ocasionar questões psicológicas de longo prazo.

Parkers (1998) ainda ressalta que, a morte fisiológica não acontece no mesmo ciclo que a morte social, a qual a aceitação pode depender de um período maior principalmente em eventos traumáticos, e isso pode refletir diretamente no processo de luto gerando dificuldades e empecilhos. Em casos de alguns muitos indivíduos enlutados só ocorreu esse despertar do entorpecimento no momento do ritual fúnebre, onde de forma intencional são chamados a realidade e escancarando que a morte definitivamente se torna um ponto final.

Segundo Walsh & Mcgoldrick (1998), as perdas que acontecem de forma inesperada, são singularmente causadoras de reações e estresses diferentes e por isso carecem de aparatos de enfrentamento absolutamente diferentes. Diante de uma morte repentina o indivíduo que passa pelo trauma da perda tornando-se assim um enlutado não regozija de tempo hábil para se

programar e até mesmo se preparar para tal perda, desta maneira não tendo oportunidade de resolver possíveis questões com a pessoa que se foi e até mesmo sem a possibilidade de se despedir; tais extinções e retiradas do indivíduo que podem vir acompanhadas de situações não resolvidas, palavras não ditas, traumas acerca da forma da morte e até mesmo pela própria morte como também a própria situação do inesperado, podem gerar medos calamitosos para um indivíduo que se vê em algum momento com a mínima possibilidade de perda.

Mazorra & Franco (2007), dissertam que a elaboração normal do luto proporciona ao indivíduo um estabelecimento de contato e uma forma de relacionamento mais profundos com o seu interior, como também com o exterior proporcionando assim a possibilidade de restabelecimento de novas maneiras e visões do mundo interno, que pode se encontrar inerte em uma experiência diferente e inovadora e uma nova perspectiva acerca de si mesmo diante da superação de uma perda; já ao relacionarmos com a teoria de Parkes (1998) nesse sentido, o sujeito recompõe seus laços com o mundo externo, provisoriamente dilacerados em decorrência da perda, e se torna hábil para compreender que a morte pode chegar a qualquer indivíduo em qualquer ocasião, e que as doenças e maus súbitos não respeitam pessoas, lugares ou tempos, fortalecendo a fé que se tem no mundo como um lugar seguro e em ordem.

Segundo Coralli (2012), no cotidiano atual com toda a evolução humana e do contexto econômico a morte tida como repentina passou a ser a mais “agradável” principalmente quando se coloca no contexto hospitalar, pois, transfere a responsabilidade que a família tinha antigamente para a equipe médica e todo o cuidado que o âmbito econômico pode proporcionar, desta forma o enlutamento passa a ser de certa maneira pago.

### **Covid – 19**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, declarou pandemia em decorrência do novo corona vírus (Sars-Cov 2), iniciada em 2019 na China e que inicialmente aparentava ser algo rápido e sem alarmante, com a alta capacidade de transmissão do vírus, inicialmente a doença parecia ser inofensiva e até mesmo inalcançável a muitos países, até que de forma “repentina” chegou ao Brasil e a todos do mundo, trazendo consigo um contexto devastador e assustador.

A Doença por coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pela síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2 (SARS CoV-2), o período médio de incubação de SARS-CoV-2 é de 5 dias (variando de 2 a 14 dias), e pessoas que desenvolvem sintomas podem ainda estar em estágio de contaminação de 5 a 15 dias após. Uma porção considerável de transmissão de vírus de pessoa para pessoa pode ocorrer antes mesmo que os indivíduos infectados

desenvolvam sintomas (pré-sintomáticos) ou até mesmo saibam que estão contaminados. Uma fração dos indivíduos infectados nunca desenvolvem sintomas (assintomáticos) porém ainda podem contribuir substancialmente para a transmissão da doença. O período de recuperação para casos leves de COVID-19 é de aproximadamente 2 semanas e para casos graves é de aproximadamente 6 semanas, nos casos mais graves, o tempo desde o início dos sintomas até a morte varia entre 2 e 8 semana, porém existem casos de indivíduos com comorbidades e outras situações em que indivíduos chegaram ao óbito em poucos dias e até mesmo horas.

A doença gera preocupações não só no âmbito epidemiológico como também no âmbito psicológico e mental, pois o covid-19 trouxe consigo uma onda de mortes repentinas, uma perda em massa e com isso o aumento de várias preocupações acerca das questões psicológicas dos indivíduos, diante dos índices e periculosidade ocorreram inúmeras restrições a cerca de contato físico, reuniões, ajuntamentos, lazeres e até mesmo exercícios físicos, refletindo também em muitos rituais característicos do povo brasileiro como o ritual de despedida fúnebre estes rituais se tornaram mais difíceis e esse fator pode ter tido reflexo também nos processos de luto do indivíduo (Crepaldi, Schmidt, Noal & Gabarra, 2020).

Portanto ao considerar o contexto epidemiológico do Covid-19 e a grande questão dos aspectos do luto e as mudanças que podem ter ocorrido durante esse período, esse estudo busca delinear: quais têm sido as diferenciações apontadas por autores da atualidade sobre o luto devido ao COVID-19? Com isso objetiva-se o levantamento de dados sobre como se dá o processo do luto diante a experiência das mortes repentinas e não esperadas relatadas por autores atuais diante do contexto pandêmico podendo assim estabelecer um diálogo entre os atuais e os passados.

### **Método**

O estudo em questão trata-se de uma revisão bibliográfica sistemática (RBS), definida como instrumento que mapeia trabalhos publicados no tema de pesquisa escolhido pelo pesquisador, na qual possibilite a elaboração de uma síntese do conhecimento existente sobre assunto (Biolchini, 2007; citado por Conforto, Amaral & Silva 2011). Tal modalidade de pesquisa segue protocolos específicos, buscando entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona dentro desse contexto. Focando o seu caráter reprodutor de conhecimento produzidos por outros pesquisadores, apresentando de forma explícita as bases de dados bibliográficos que foram consultadas, as estratégias de busca empregadas em cada base, o processo de seleção dos artigos científicos, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos e o processo de análise de cada artigo.

Explicita ainda as limitações de cada artigo analisado, bem como as limitações da própria revisão.

De forma geral, a revisão bibliográfica sistemática possui alto nível de evidência e se constitui em um importante documento para tomada de decisão nos contextos públicos e privados. Dito de outro modo, a revisão sistemática de literatura é uma pesquisa científica composta por seus próprios objetivos, problemas de pesquisa, metodologia, resultados e conclusão, não se constituindo apenas como mera introdução de uma pesquisa maior, como pode ser o caso de uma revisão de literatura de conveniência de natureza aplicada, com objetivo exploratório com abordagem quantitativa (Galvão & Ricarte, 2019).

A fim de reduzir possíveis vieses na seleção das matérias, foram realizadas pesquisa por meio diferentes bases de dados, sendo elas: Pepsic, Scielo, Portal CAPES, BVS em busca dos desenvolvimentos mais recentes sobre o processo de terminalidade, morte e o luto no contexto da pandemia do covid-19, como também dados quantitativos acerca da covid-19. A coleta de dados teve início entre os meses julho a dezembro de 2020 e concluído no ano 2021 entre os meses de fevereiro a abril.

Na qual os critérios de inclusão no primeiro momento foi a seleção de artigos científicos com data limite dos últimos cinco anos, considerando a atualidade do tema, como também a relação com o tema; artigos em português e produção nacionais, foram também utilizados os requisitos necessários para a credibilidade do estudo. No segundo momento utilizou os descritores como: “morte”, “luto”, “morte repentina”, "coronavírus" e “covid-19”. Em que em seus resumos teriam que estar relacionados com o sofrimento pela perda. Já os critérios de exclusão foram artigos não relacionados ao tema, com data de publicação acima de cinco anos, artigos em inglês ou espanhol e artigos não científicos, artigos não coerentes com a avaliação de qualidade metodológica, obtendo assim os resultados do presente artigo como descrito na Quadro 1.

### Quadro 1

#### Apuração dos artigos pesquisados

Descrição	Banco de Dados			
	Portal Capes	SCIELO	BVS	PEPSIC
Artigos encontrados com base no descritor	11	6	116	0
Total encontrado	11	6	20	0
Artigos Excluídos	10	5	16	0

Total	11	6	20	0
Artigos Incluídos	1	1	4	0
Total selecionado	1	1	4	0

### Resultados

Diante dos descritores e dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 6 artigos para desenvolvimento de um quadro com as características relevantes dessas publicações tais como: Título, autores, ano de publicação, local, revista, demonstrativo de objetivos, metodologia e resultados deles. Como exposto na Quadro 2.

#### Quadra 2: Publicações selecionadas com ênfase em ordem cronológica

Artigos de Periódicos			
Lo Bianco, A. C., & Costa-Moura, F. (2020), Rio de Janeiro, Psicologia: Ciência e Profissão.	<b>Covid-19: Luto, Morte e a Sustentação do Laço Social</b>		
	<p><b>Objetivos</b></p> <p>- Por meio de reflexões conceituais da psicanálise sobre luto e morte - desenvolver diretrizes que auxiliem no trabalho que temos a fazer a partir de nossa posição como sujeito - a qual o autor visto que mesmo com os deveres públicos, as responsabilidades quanto ao que é para ser feito adiante da pandemia, necessita do empenho de cada sujeito, pois no ato de sujeito é fundamental para compor e sustentar o tecido social.</p> <p>-Tendo em vista as consequências para o enfrentamento podem ser da ordem do trauma, tanto agora, quanto, principalmente, depois, no que terão sido os efeito e as marcas que a pandemia deixará.</p>	<p><b>Metodologia</b></p> <p>Revisão narrativa de leitura.</p>	<p><b>Resultados</b></p> <p>-Os rituais como indicativo para lugar que a morte representa na vida civilizada, no sentido de manter pacto social.</p> <p>- Pandemia como introdutora de mudanças o que se refere a experiência coletiva da morte. A vivência de experiências tristes com: amigos próximos, e mudanças de hábito de vida, rotina, entre outras.</p> <p>-Covid-19 – aflora a necessidade de enfrentamento da morte iniciando pelo reconhecimento de que a morte do outro não pode ser indiferente, pois a indiferença que nos leva ao perigo do gozo mortífero e que pode tornar a danação da vida em sociedade;</p> <p>- O momento da pandemia em específico, na qual coloca as condições para e fazer o luto estão ameaçadas, não apenas lá interrupção dos rituais, mas também porque desaparece o tempo e espaço pra um trabalho (luto) que é altamente individual e pessoal. Atinge também o âmbito social.</p>
<b>Ensaio narrativo sobre processo de enlutamento frente a covid-19</b>			

	<b>Objetivos</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Resultados</b>
<p>Olavo Mauricio de Souza Neto, Maria Luiza Azevedo dos Reis, Arthur Alexandrino, Glenda Agra, (2020), Campina Grande, sociedade de pesquisa e desenvolvimento</p>	<p>-O objetivo trazido por este estudo tem como foco levantar uma explanação acerca do enlutamento frente a covid-19.</p> <p>-Considerando que a temática do luto em decorrência da COVID-19 é incipiente e que delinea com mais clareza como se desenvolve o processo de luto bem como as estratégias que podem ser utilizadas para prevenção de um transtorno de luto complexo persistente podendo, portanto, contribuir com melhora da qualidade da assistência de saúde aos familiares</p>	<p>Trata-se de uma revisão narrativa da literatura</p>	<p>Foram apresentados quatro eixos condutores sobre a temática, a saber:</p> <p>I-processo de luto: compreensão do diagnóstico de luto – na qual os autores fazem referência a diferença do luto normal e complicado</p> <p>II-transtorno de luto complexo persistente- em que é expostos os fatores de risco e que podem resultar nesse diagnóstico.</p> <p>III e IV- luto no contexto da COVID-19: estratégias de suporte e apoio emocional no enlutamento durante a pandemia da COVID-19 –apresenta a relação das mortes repentinas e o curto espaço de tempo;</p> <p>Palavra Luto com origem do latim- <i>luctus</i> significa dor, mágoa e lástima e, sugere, sofrer lamentar;</p> <p>- O luto como reação à perda de um ser, com o qual se possui vínculo afetivo, devido à morte.</p> <p>-Ressalta a necessidade de ter cautela na avaliação psicossocial do paciente, transpondo a mera contagem de sintomas.</p> <p>-Autores apresentam crença de que o sofrimento e tristeza são parte da vida e por consequência do processo de perda entes queridos. Na qual o luto é um processo é um processo que qualquer pessoa pode vivenciar e por isso não se deve patologizar; deve -se priorizar o acolhimento, escuta terapêutica e orientações a fim de facilitar a elaboração o tempo do sujeito e resgatar o prazer e continuidade da vida. Atentando-se aos casos em que enlutados apresentarem comportamentos e atitudes depressivas e/ou autodestrutivas torna-se necessário intensificar o acompanhamento pela equipe</p>

			interdisciplinar, e talvez possível introdução de farmacológicas.
Dantas, C. R., Azevedo, R. C. S. de, Vieira, L. C.; (2020), São Paulo, Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental	<b>O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia</b>		
	<p><b>Objetivos</b></p> <p>Pretende discutir aspectos universais e peculiares da vivência de luto no contexto da pandemia por COVID-19.</p> <p>-Comparando as vivências das mortes provocadas pela pandemia, com as da guerra que serviram de base para textos freudianos, na qual ambas as vivências provocaram marcas coletivas;</p>	<p><b>Metodologia</b></p> <p>Relato de experiência proporcionados por meio do serviço dirigido a pacientes internados no Hospital das Clínicas da Unicamp, chamado APEM-COVID Apoio Emocional aos Pacientes com Covid-19 e familiares.</p> <p>-Em que os autores focaram sobre o luto pela perda de um familiar próximo por covid-19.</p>	<p><b>Resultados</b></p> <p>Diante dos relatos de sessões e de recortes de falas, abre-se uma janela ao desafio das literaturas e o que é conhecido sobre o luto, e valoriza a importância do cuidado ofertado e seu potencial de construção de saber, apresentado pelas reflexões sobre atendimento ofertado aos enlutados pela pandemia do covid-19;</p>
Oliveira-Cardoso EA, Silva BCA, Santos JH, Lotério LS, Accoroni AG, Santos, MA; (2020); Ribeirão Preto; Rev. Latino-Am. Enfermagem	<b>Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados</b>		
	<p><b>Objetivos</b></p> <p>O objetivo do estudo foi compreender os sentidos atribuídos ao fenômeno da supressão de rituais fúnebres por pessoas que amargaram perdas de entes queridos, no contexto da pandemia de COVID-19.</p>	<p><b>Metodologia</b></p> <p>Pesquisa documental de abordagem qualitativa.</p>	<p><b>Resultados</b></p> <p>A experiência compartilhada nos depoimentos repercute o padecimento pela morte repentina de pessoa significativa, ampliado pela ausência ou truncamento de rituais familiares de despedida após o óbito. A supressão ou abreviação de rituais fúnebres tida como uma experiência traumática, pois familiares se veem impedidos de cumprirem suas últimas homenagens ao ente que se foi subitamente, gerando sentimentos de incredulidade e indignação.</p> <p>-Elencação de fatores que contribuem para dificultar a elaboração do luto;</p> <p>-Evidenciar que cada indivíduo irá reagir de forma particular a vivência da pandemia, tornado necessário considerar o contexto em que o mesmo se encontra inserido; o que torna necessário</p>



			considerar tais aspectos no momento de realizar uma intervenção psicossocial.
Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M; (2020), Campinas; Estudos de Psicologia	<b>Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas</b>		
	<p><b>Objetivos</b></p> <p>O objetivo deste estudo é sistematizar conhecimentos sobre os processos de terminalidade, morte e luto no contexto da pandemia de COVID-19, caracterizando as demandas psicológicas emergentes e discutir implicações para prática.</p> <p>Utilizando a sumarização das experiências relatadas em diferentes países, e discutindo assim as possíveis adaptações interventivas das práticas psicológicas já utilizadas para trabalhar: terminalidade, morte e luto.</p>	<p><b>Metodologia</b></p> <p>Revisão narrativa da literatura.</p> <p>-Utilizando relato de experiência em diferentes países durante a pandemia.</p>	<p><b>Resultados</b></p> <p>Destaca-se a importância do reconhecimento de que os processos de terminalidade, morte e luto são experienciados de forma singular, não havendo uma sequência estanque ou normatizadora, tampouco rigidez nos rituais que favorecem a despedida e a elaboração de sentido para as perdas em tempos de pandemia. E, a importância do cuidado à saúde mental do próprio psicólogo, frente às adversidades vivenciadas diante dessa grave emergência de saúde pública.</p>
Magalhães JRF, Soares CFS, Peixoto TM, Estrela FM, Oliveira ACB, Silva AF; (2020); Bahia, A Revista Baiana de Enfermagem.	<b>Implicações Sociais e de Saúde que Acometem Pessoas Enlutadas pela Morte de Familiares de Familiares por COVID-19</b>		
	<p><b>Objetivos</b></p> <p>Conhecer as implicações sociais e para a saúde que acometem pessoas enlutadas pela morte de familiares vítimas da COVID-19.</p>	<p><b>Metodologia</b></p> <p>Revisão Narrativa</p>	<p><b>Resultados</b></p> <p>Dez publicações selecionadas, usando como critérios segundo: título, autoria, ano de publicação, periódico, país, tipo de estudo e implicações sociais e para a saúde</p> <p>-Na qual dentre as implicações sociais devido à impossibilidade dos rituais fúnebres tendem a gerar frustrações, a qual os sentimentos e emoções não são expressos da forma que aconteceriam fora do contexto da pandemia. Favorecendo sensação de falta de dignidade, injustiça, sentimento de culpa e consequentemente abriu possibilidade para surgimento do luto patológico</p>

### Discussão

De fato, abril de 2020 marcou a vida não somente de um país, mas de um planeta, naquele momento estaria acontecendo o que podemos nomear de uma divisão de águas entre uma situação que parecia distante de todos, para algo que de maneira rápida e abrupta alcançou milhões de pessoas; vidas se tornaram números e quando menos se esperava tornaram-se milhões de mortes. Muitos foram submetidos a uma realidade que nunca tiveram contato, isolamento social, modificação do convívio social, medidas severas de higiene, adequação do direito de ir e vir, suspensão e proibição de rituais religiosos e fúnebres (Farias, 2020), escassez de recursos financeiros e de sustentabilidade, perdas de empregos repentinas, crise econômica, não somente em contexto mundial, mas em contextos privados, ou seja, na vida de cada ser humano, alterando e influenciando suas necessidades (Melo & Cabral, 2020, p. 13).

Todo o contexto vivenciado diante da pandemia pode ser um potencializador de algumas fases do luto citada por Kubler-ross (1992) e por Worden (1932) como nas fases de negação, isolamento, raiva, tristeza, culpa, desamparo e ansiedade visto que dentro de um processo de elaboração de luto tido como normal alguns eventos são fatores colaborativos para um seguimento natural, fatores esses como os rituais fúnebres por exemplo, ou a possibilidade de se despedir de um ente no leito de um hospital, dentro do contexto pandêmico situações como as citadas tornaram-se impedidas, colaborando para a possível potencialização das piores fases da elaboração do luto como também para o aumento da probabilidade do desenvolvimento de transtorno pós traumático e até mesmo do luto complicado.

Cada estudo selecionado traz consigo definições e fontes diferentes para a conceituação do processo de luto, como também para o significado da morte, porém, é de comum acordo através da interpretação que o luto se refere a um processo vivenciado diante da perda de uma figura significativa, corroborando com a teoria de Kovács, (2016) e que o luto em seu aspecto inicial não é uma doença mas sim um processo natural da vida. Para Souza Neto, Reis, Alexandrino e Agra (2020) a percepção do luto como um processo não saudável, patologizado, pode acarretar piora no quadro, por isso é importante acolher e compreender todo o sofrimento causado pela perda de uma pessoa querida, como reflete o estudo *Ensaio narrativo sobre processo de enlutamento frente a covid-19* e como também citado por Bromberg (2000), existe uma individualidade no processo do luto de cada indivíduo e não se pode levar esse ser a um resumo teórico ou a uma rotulação antecipada.

Como a percepção e interpretação do luto influencia em seu enfrentamento, é fundamental abordar as definições de fatores de risco e fatores protetivos para a continuidade da discussão, Sapienza e Pendromônico, (2005, pp. 209) definem de forma breve que “Os

fatores de risco se referem às variáveis que aumentam a probabilidade de que ocorra algum efeito indesejável no desenvolvimento. Por outro lado, os fatores de proteção estão associados aos recursos individuais que reduzem o efeito do risco” deste modo pode-se colocar que todos os estudos verificados apontaram em seus desenvolvimentos fatores protetivos como também fatores de risco para a elaboração do luto no contexto da Covid - 19.

Um ponto que pode ser considerado um fator de risco e que todos trouxeram a sua maneira, é a suspensão e modificação dos rituais fúnebres, tais rituais tem um significado de maior relevância para os indivíduos, pois podem ter uma função de organização e regulação podendo até mesmo auxiliar no processo de elaboração e do luto (Fiocruz, 2020), sendo assim a suspensão desses rituais pode reprimir a concreção psicológica da perda, em maior evidência esses fatores no estudo *“Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados”* (Oliveira-Cardoso, Silva, Santos, Lotério, Accoroni, Santos, & 2020).

Tal fator pode ser considerado risco ao apoio familiar e ao apoio social pois levando em consideração que dentro do ritual fúnebre existe a possibilidade de ajustamento psíquico no que diz respeito a elaboração do luto através da possibilidade de despedida e de apoio de terceiros, a retirada disso se mostra um eminente risco a organização emocional e a saúde mental dos indivíduos enlutados, como apresentado por Walsh e Mcgoldrick (1998) e Parkers (1998), os definidos rituais fúnebres, proporcionam aos enlutados uma maior e melhor assimilação e compreensão da morte e, também, o que eles chamam de transformação dos que ficaram, e que esses rituais proporcionam a possibilidade de que o corpo social disponibilize apoio e compartilhamento do sofrimento.

Neste aspecto pode-se considerar que a suspensão dos rituais fúnebres podem interferir na elaboração do processo do luto normal, visto que segundo Mazorra & Franco (2007) e Parkers (1998) o processo normal tem dentro de sua configuração o ritual fúnebre como importante momento para cumprimento de etapas da elaboração.

Outro fator que se evidencia é a impossibilidade de se demonstrar ao indivíduo que partiu os mais profundos sentimentos e pesares do enlutado, tal demonstração tende a acontecer tanto de forma verbal como não verbal como apresentado nos estudos científicos *“Terminalidade, morte e luto”* e *“Covid- 19: Luto, morte e sustentação do laço social”* as comunicações verbais e não - verbais passaram por uma severa alteração diante do contexto pandêmico e de restrições, visto que o contato físico e demonstrações de afeto, como possíveis momentos de reconciliação com ente querido foram suprimidos, a fim manter controle de contágio. O que pode vir a refletir de forma contundente no processo de elaboração do luto,

certo de que é através da comunicação verbal e não verbal que os indivíduos tendem a direcionar apoio uns aos outros (Crepaldi, Schmidt, Noal, Bolze, & Gabarra, 2020; Lo Bianco, & Costa-Moura, 2020).

É importante verificar que a falha na vivência do luto pode implicar em repercussão na saúde das pessoas, a morte repentina e sem a possibilidade de velar os mortos, podem gerar sensações de injustiça, culpa e frustração (Magalhães, Soares, Peixoto, Estrela, Oliveira, & Silva, 2020), como demonstrado no texto *Implicações Sociais e de Saúde que Acometem Pessoas Enlutadas pela Morte de Familiares por COVID-19*, e também citado por Walsh & Mcgoldrick (1998) as mortes repentinas podem ser um potencial fator de alteração no processo de elaboração do luto.

Assim como destacado por Lisboa e Crepaldi (2003) existe uma importância através das demonstrações presenciais envolvidas na despedida, certo que tais demonstrações são nomeadas por elas como “*fator crucial para a despedida*”, na qual mesmo em casos que há demonstração por meio de palavras os gestos de forma distanciada ou até mesmo virtual tornou-se evidente a relevância dos gestos físicos e presenciais com o objetivo de reforçar o que foi falado e também ser meio de expressão para aqueles que conseguiram verbalizar a despedida, e também ressaltado nos estudos “*Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados*” e “*O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia*” a impossibilidade de tais demonstrações físicas e gestuais podem acarretar no enlutado uma sensação de que a morte não ocorreu o que leva a uma sensação de que um ciclo não se fechou; todos esses fatores aparecem de forma relevante dentro dos estudos analisados reforçando que podem vir a ser fatores de risco para o enlutado como também fatores de propensão maior ao desenvolvimento do luto patológico ou complicado (Oliveira-Cardoso, Silva, Santos, Lotério, Accoroni, Santos, & 2020; Dantas, Azevedo, & Vieira, 2020).

É passível de citação como fator de risco a saúde mental e psicológica do enlutado, como também um possível agravante de um processo de luto normal o fenômeno das mortes repentinas e bruscas, Cardoso, Silva, Santos, Lotério, Accoroni e Santos, (2020,pp.2) dizem que “*mortes bruscas e inesperadas impossibilita o preparo do enlutado para lidar com a perda, uma vez que a temporalidade da morte física não acompanha a da morte social e psíquica, o que pode gerar dificuldades na elaboração do processo de luto.*”

Em seu estudo Caruaíba, Pelizzari e Cunha, (2016, pp.45), chegaram à conclusão de que as mortes repentinas e bruscas podem ser um fator de complicações dentro do processo de luto, o que segundo elas “*pode gerar sérios problemas psicológicos*”.

Juntamente ao fator das mortes repentinas e bruscas, ressalta-se como fator de risco as perdas em massa ocasionadas pelo contexto pandêmico, visto que como afirmado por Kind & Cordeiro (2020), são nos períodos de pandemias que a comunidade mundial tende a enfrentar crises sanitárias e perdas de indivíduos em massa decorrente de vírus como também em desastres e guerras. O termo “*mortes em massa*” pode ser definido como uma grande quantidade de pessoas morrendo pelo mesmo fator em um curto prazo de tempo como apresentado por Taylor (2019), o autor ainda elenca que esse excesso de mortes nesse curto período pode originar encadeamentos de questões psicológicas variadas.

Um outro ponto que se torna relevante como fator de risco podemos intitular como um retrocesso no contexto histórico acerca da morte, em nosso referencial trouxemos uma linha do tempo histórica acerca de como a morte era vista e acontecia no seio familiar citando Martins & Lima (2014) em determinado momento da história o morrer em casa era algo visto como comum e natural, porém com a evolução da ciência e da medicina esse local de morte foi transferido para as instituições como os hospitais, durante a pandemia o que pôde ser observado e também é corroborado pelos estudos analisados é que houve um retrocesso, ou seja, as mortes que outrora aconteciam comumente dentro dos hospitais voltaram a acontecer dentro das residências evidenciando dois fatores, primeiro o medo que as pessoas têm enfrentado medo de ir até os hospitais assim como em outras pandemias relatadas na história (Bertucci, 2009), pois neste contexto pode ser criada uma crença de que ter que ir para o hospital significa estar traçando um caminho para a morte, segundo pelos fatores de desigualdade social e o quanto o sistema único de saúde (SUS), estaria em constante crise e não estaria preparado para dar suporte aos milhões de indivíduos que o procuraram, apontando também o fato de que o covid-19 não afetou somente a uma classe social, mas a todos os cidadãos colocando-nos em um mesmo patamar, por mais que um indivíduo tenha condições econômicas mais favoráveis ao necessitar de buscar uma instituição particular as mesmas também não suportaram a demanda entrando em colapso como evidenciado na segunda onda da doença registrada em Março de 2021 (Lima, Pereira & Machado 2020).

Todos esses fatores acima apresentados podem contribuir para surgimentos de uma sensação de desamparo social nas pessoas, o que pode não somente prejudicar o processo de elaboração do luto como também gerar agravantes para a saúde psíquica e emocional.

As incertezas acerca do futuro se mostraram nos estudos como ponto relevante entre os fatores de risco, visto que como indivíduos temos a necessidade de poder acreditar termos o controle acerca do nosso futuro, o contexto pandêmico veio como uma forma de supressão dessa credibilidade, pois não se pode prever como e quando uma contaminação pode acontecer

e qual será a consequência dessa contaminação, dado que estamos lidando com um fenômeno que é invisível aos olhos, é altamente contagioso o que coloca a grande maioria dos indivíduos em um estado de alerta constante. A soma desses fatores, incertezas sobre o futuro, estado constante de alerta e medo podem se tornar condições prejudiciais à elaboração do luto (Kind & Cordeiro, 2020).

Luto este que não existe padronização para ele diante de inúmeros fatores como a individualidade de cada sujeito (Taylor, 2019 pp.36), pois por mais que estudos venham levantar definições para o luto e a elaboração deste, o contexto pandêmico levou aos indivíduos a um auto ajustamento em diferentes esferas tanto positivas como negativas, expondo esse ser enlutado a possibilidade deste processo muitas vezes sozinhos buscando mecanismos e ferramentas para lidar com as perdas, com a crise, com as mortes em massa, com o luto coletivo, com a iminência de um futuro incerto, com um “*bombardeio*” de informações verídicas e também não, todos esses fatores podem se tornar então dificultadores ou até mesmo modificadores do processo de elaboração do luto, como também aumentam a probabilidade do desenvolvimento do luto complicado e/ou patológico (Macêdo, Nascimento, Santos, Ferreira, Santos & Canuto, 2020 p. 192).

Em contrapartida com inúmeros fatores de risco evidenciam-se também fatores protetivos e que favorecem tanto a elaboração do luto quanto a modificação deste de forma positiva, o primeiro que podemos elencar aqui é a utilização dos meios virtuais para auxílio aos indivíduos enlutados, tanto proporcionando ferramentas de comunicação com seu círculo social o que colabora com a aproximação e a manutenção e continuação dos laços sociais, como também proporcionando a ele medidas de apoio, em exemplo: a possibilidade de psicoterapia *on-line* (Maio, 2020).

Cada indivíduo é afetado pelos efeitos da pandemia de uma maneira diferente, os autores elencam que se viu necessário neste contexto o aumento da comunicação com a equipe de saúde para o melhor entendimento sobre os quadros clínicos e esclarecimento de dúvidas até mesmo acerca da morte (Fiocruz, 2020), tal abordagem pode ter favorecido o desenvolvimento de novas ferramentas e metodologias para proporcionar mais dignidade e apoio aos indivíduos enlutados.

Para que esses fatores tenham se tornado realidade nesse contexto, tanto a população quanto a equipe que trabalha com esses indivíduos tiveram que recorrer a empatia como auxílio ao suporte e ao desenvolvimento de habilidades sociais que favorecem atitudes empáticas e resilientes (Medeiros, 2020).

### Considerações Finais

O fato das mortes repentinas, anterior a pandemia, já trazem consigo traumas intensos, durante a pandemia esses traumas somente se tornaram mais profundos e complexos, como também, a consciência dos mesmos. O processo de elaboração do luto não somente pode estar passando por uma alteração significativa, como se tornando algo ainda mais complexo do que já é, tendo grande probabilidade de se tornar uma questão patológica e de maior prejuízo psíquico e emocional.

Levando em consideração o curto espaço de tempo para a quantidade de mudanças vivenciadas nesse um ano de período pandêmico, indo de encontro com as mortes repentinas e abruptas foi possível verificar que as pessoas têm encontrado maiores dificuldades de lidar com essas mortes, visto que elenca-se fatores de risco mais impactantes do que os fatores protetivos, para o manejo desse processo de luto. Como fatores de riscos estão a suspensão dos rituais fúnebres; a impossibilidade de comunicação verbal e não verbal presencialmente; o aumento de mortes repentinas, abruptas e em massa; o retrocesso no contexto histórico acerca da morte; a desigualdade social; a crise econômica; a incerteza acerca do futuro; o medo e o desamparo social.

E, como fatores protetivos a utilização dos meios virtuais para auxílio dos indivíduos enlutados, a busca de apoio profissional por meio da ferramenta virtual, a maior comunicação dos indivíduos com as equipes de saúde, o desenvolvimento de novas ferramentas e metodologias de abordagem ao enlutado e o maior desenvolvimento de habilidades sociais que favorecem atitudes empáticas e resilientes.

Ressalta-se então a necessidade de intervenções que envolvam desenvolvimento de fatores protetivos para estes indivíduos, com o objetivo de proporcionar a eles um processo de luto mais saudável, com menos riscos de se tornar algo patológico. Sugere-se para tanto que se desenvolvam mais estudos que abordem a inabilidade de lidar com a morte, possíveis ferramentas para o desenvolvimento de fatores protetivos, o pós pandemia e como se pode amenizar suas possíveis consequências e por fim as possíveis modificações nos estágios de elaboração do luto.

### Referências

- Ariès, P. (2012) História da morte no ocidente da idade média aos nossos dias tradução Priscila Viana de Siqueira. - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (Saraiva de Bolso) Tradução de: Essai sur l'histoire de la mort en Occident du Moyen-Age à nos jours ISBN 978.85.209.3095-3 1. Morte. I. Viana de Siqueira, Priscila. II. Título. III. Série. 1914-1984.
- Basso, L. A.; Wainer, R. (2011) Luto e perdas repentinas: contribuições da terapia cognitivo-comportamental, Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio Branco, v. 7, n. 1, 05 set.
- Barbieri, J. (2019) Viver o luto e as redes de apoio a familiares que perderam ente querido. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem, UFMS, Palmeira das Missões, Cap. 1.
- Bertucci, L. M., (2009) A onipresença do medo na influenza de 1918. Editora Varia História, Belo Horizonte, vol. 25, nº 42, jul/dez.
- Bromberg, M. H. P. F. (2000) A psicoterapia em situações de perdas e luto. Editora Livro Pleno – 1ª triagem, Campinas – SP.
- Caputo, R. F. (2008) O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. Revista Multidisciplinar da Uniesp, São Paulo, v. 1, n. 6, 01 dez.
- Coralli, B. (2012) O silêncio coletivo: a morte na atualidade e o desconforto por ela. Psicologia - Pt. São Paulo, v. 1, n. 1, 30 dez.
- Ceccon, N. J. (2017) A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista. Anais do Evinci, Curitiba, v. 3, n. 2, 01 out.
- Crepaldi, M. A.; Schmidt, B.; Noal, D. S.; Bolze, S. D. A.; & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. Estudos de Psicologia, 37, Campinas- SP. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
- Carnaúba, R. A.; Pelizzari, C. C. A. S.; Cunha, S. A. (2016) Luto em situações de morte inesperada. Revista Psique, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, 01 dez.
- Cavalcanti, A. K. S.; Samczuk, M. L.; Bomfim, T. E. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. Psicólogo Informação, São Paulo, v. 17, n. 1, 01 out.
- Conforto, E. C.; Amaral, D. C.; Silva, S. L. (2011). Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicações no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. CBGDP, 8º Congresso Brasileiro de gestão de desenvolvimento de produto, Porto Alegre - RS.
- Cardoso, É. A. O.; Silva, B. C. A. S.; Santos, J. H.; Lotério, L. S.; Accoroni, A. G.; Santos, M. A. (2020) Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de covid-19 em familiares enlutados. Revista Latino-Americana de Enfermagem. Ribeirão Preto – SP.



Dantas, C.; Azevedo, R. C. S.; Vieira, L. C.; et. al. (2020). O luto nos tempos da covid-19: desafios do cuidado durante a pandemia. Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental, vol. 23, pp. 509-533. São Paulo. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>

Erthal, T. (2004) Psicoterapia vivencial, uma abordagem existencial em psicoterapia. Campinas SP; Editora Livro pleno.

Farias, H. S.; (2020) O avanço da covid-19 e isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. Revista Espaço e Economia [Online], nº 17, posto online no dia 08 abril URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11357> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.11357>

Freud, S. (2013) Trauer und melancholie - 1917; traduzido por Marilene Carone, Cosac Naify, São Paulo.

Fundação Osvaldo Cruz. (2020) Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia covid-19: processo de luto no contexto da covid-19. Rio de Janeiro. <https://renastonline.ensp.fiocruz.br/recursos/saude-mental-atencao-psicossocial-pandemia-covid-19-processo-luto-contexto-covid-19>

Galvão, M. C. B.; Ricarte, I. L. M.; (2019) Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. Legion: Filosofia da Informação, [S.L.], v. 6, n. 1, 15 set. <http://dx.doi.org/10.21728/legeion.2019v6n1.p57-73>.

Gruber, A. (2020). Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença. Jornal da Usp, São Paulo. <https://jornal.usp.br/?p=314416>

Heidegger, M. (2012). Ser e tempo, tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP; Editora da UNICAMP: Vozes, Rio de Janeiro.

Kind, L.; Cordeiro, R. (2020) Narrativa sobre a morte: a gripe espanhola e a covid-19 no brasil. Psicol. Soc. vol.32, Belo Horizonte. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240740>

Kovács, M. J. (1992) Morte e desenvolvimento humano. Casa do Psicólogo. São Paulo.

Kovács, M. J. (2005) Educação para morte. Psicologia, Ciência e Profissão, n. 25, v. 3, Brasília.

Kovács, M. J. (2016) Curso psicologia da morte, educação para a morte em ação. Academia Paulista de Psicologia, 36(91), 400-417, São Paulo. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v36n91/v36n91a10.pdf>.

Kubler-Ross, E. (1992) Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm a ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios [Título original: On death and dying - tradução Paulo Menezes] 5ª edição brasileira. Livraria Martins Fontes Editora LTD, SÃO PAULO.

Lisboa, M. L.; Crepaldi, M. A. (2003) Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado. Editora Paidéia, vol. 13, nº 25, Ribeirão Preto.

Lima, L.; Pereira, A.; Machado, C. (2020) Crise, condicionantes e desafios de coordenação do estado federativo brasileiro no contexto da covid-19. Caderno de Saúde Pública, São Paulo. Doi: 10.1590/0102-311X00185220

Lo Bianco, A. C.; Moura, F. C. (2020) Covid-19: luto, morte e sustentação do laço social. Psicologia, Ciência e Profissão, v.40, São Paulo.

Magalhães, J. R. F.; Soares, C. F. S.; Peixoto, T. M.; Estrela, F. M.; Oliveira, A. C. B.; Silva, A. F.; Gomes, N. P.; (2020) Implicações sociais e de saúde que acometem pessoas enlutadas pela morte de familiares por covid-19. Revista Baiana de Enfermagem, Bahia.

Maio, A. M. D. (2020) Abraços digitais, cartas e crachás humanizados: interfaces entre midiaticização e comunicação face a face em tempos de pandemia. Anais de Artigos, Vol. 1, nº 4, São Leopoldo -RS.

Macêdo, N.; Nascimento, N.; Santos, I.; Ferreira, J.; Santos, B.; Canuto, J. (2020). Construção do saber sobre covid-19 [recurso eletrônico]. Editora do CCTA - Organizadoras: Aurilene J. Cartaxo G. de Arruda, Daiana Beatriz de Lira e Silva. João Pessoa. (CÁP. VIII- 192).

Marinho, Â. H. R.; Marinonio, C. C. R.; Rodrigues, L. C. A. (2017) O processo de luto na vida adulta decorrente de morte de um ente querido. TCC (Graduação) – Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.

Martins, M.; Lima, P. V. A. (2014) Contribuições da Gestalt-terapia para os enfrentamentos das perdas e da morte. Revista IGT na Rede [on line], v.11, nº 20, Rio de Janeiro.

Mazzorra, L.; Franco, M. H. P. (2007) A criança e a morte: vivências diante da morte do genitor. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica PUC, Estud. psicol. (Campinas) [online], vol.24, n.4, pp.503-511. São Paulo.

Medeiros, E. A. S. (11 mai. 2020). A luta dos profissionais de saúde no enfrentamento da covid-19. Acta paul. enferm. vol.33, São Paulo, Epub.

Melo, C.; Cabral, S. (2020). A grande crise e as crises brasileiras: o efeito catalisador da covid-19. Revista Eletrônica Gestão & Sociedade, v.14, n. 39, p. 3681-3688 | Especial COVID-19 – 2020 ISSN 1980-5756 | DOI: 10.21171/ges.v 14i3 9.3259

Neto, O. M. S.; Reis, M. L. A.; Alexandrino, A.; Angra, G.(2020). Ensaio narrativo sobre processo de enlutamento frente a covid-19. Research, Society and Development, v. 9, n. 9, e653997562, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7562>

Parkes, C.M. (1998). Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta ( M.H.P. Franco, trad. Editora Summus, São Paulo.

Ramos, Vera, A. B. (25 set.2016). O processo do luto. Psicologia Pt, Porto, Portugal, v. 1, n. 1, p. 1-16. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>.

Rocha, A. P. C.; Fonsêca, L. C.; Sales, Roberto L.S. (07 Dez. 2019). Dialogando sobre a morte como forma de prevenção do luto mal elaborado. *Revista Psicologia & Saberes*, São Paulo, v. 8, n. 12, p. 31-50.

Stroebe, M. S.; Hansson, R. O.; Stroebe, W.; Schut, H.(1993). *Handbook of Bereavement: theory, research and intervention*. Nova York: Cambridge University Press, 814 p. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=7d7KOWGc5VMC&oi=fnd&pg=PR8&dq=Engel+\(1961,+cit.+por+Averill+%26+Nunley,+in+Stroebe,+Stroebe+%26+Hansson,+1993\)&ots=l40L-agIYn&sig=fOVJw3tjOxhtptBXhorxq3buSgU#v=onepage&q&f=true](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=7d7KOWGc5VMC&oi=fnd&pg=PR8&dq=Engel+(1961,+cit.+por+Averill+%26+Nunley,+in+Stroebe,+Stroebe+%26+Hansson,+1993)&ots=l40L-agIYn&sig=fOVJw3tjOxhtptBXhorxq3buSgU#v=onepage&q&f=true).

Santana, R. O., Soares, J. C. (2010). *Depois da perda: desafios e possibilidades da vivência do luto na hipomodernidade*. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Uerj, Rio de Janeiro, Cap. 1.

Santos, R. C. S., Yamamoto, Y. M.; Custódio, L. M. G. (07 Jan. 2017) Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. *Psicologia Pt*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-18.

Sapienza, G.; Pendromônico, M. R. M. (2005). Risco proteção e resiliência da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 2, pp. 209-216, Maringá.

Taylor, S. (2019). *The psychology of pandemics: preparing for the next global outbreak of infectious disease*. Cambridge Scholars Publishing.

Walsh, F.; Mcgoldrick, M. (1998) *A PERDA E A FAMÍLIA: UMA PERSPECTIVA SISTEMICA, MORTE NA FAMÍLIA: SOBREVIVENDO ÀS PERDAS*. Revista Artmed.

Worden, J. W. (2013). *Aconselhamento do luto e terapia do luto: manual para profissionais da saúde mental -1932* [tradução Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt]. - São Paulo : Roca, 2013. Tradução de: *Grief counseling and grief therapy : a handbook for the mental health*.